ANO 6.º — Sexta-feira, 25 de Julho de 1913 — NUMERO 281

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	» 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	» 2,50
Avulso	» 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Tentativas criminosas

Quando sobre os tristes acontecimentos de 27 de Abril aqui dissémos que o mais perigoso sistêma que os inimigos da Republica poderiam contra éla empregar, sería conspirarem, como se adeptos do regimen fossem, não nos enganâmos. Fomos dos poucos que abertamente assim falámos.

Animados por esse estratagêma que facilmente lhes faculta não só a aproximação como a adesão de vários elementos revolucionários de verdade, aí os tivémos em Abril findo, como novamente, ha dias numa segunda tentativa não menos infame, que, nada havendo a justifical-a, deixou apenas a descoberto os ruins e perigosos sentimentos dos que com o seu concurso sómente fazem o jogo misevel dos inimigos das instituições, com a agravante criminosa do prejuizo moral e economico da Patria independente dos barbaros assassinios cometidos em plenas ruas da capital!

Muito embora esteja materialmente reconhecida a absoluta impossibilidade do triunfo de tão criminosas tentativas revolucionárias, é absolutamente indispensavel que a élas, duma vez para sempre, ponha o govêrno termo.

Provoca, sem duvida, o riso, a alucinação imbecil dos desiquilibrados que tão facil lhes paréce a taréfa de derrubarem o regimen assim como dos outros que, comparsas déssas tentativas, por sua vez se deixam embair por falsos cantos de não menos falsas sereias.

Monarquicos, sindicalistas e anarquistas, o que tudo neste momento tem o mesmo valor e cotação, sonham, porque só assim se póde explicar éssa maneira de fazer propaganda dos seus principios, executando planos.

Criminosos e repelentes, sacrificando vidas com o maior barbarismo e o mais inutil dos resultados!

Após o 27 de Abril, tivémos o infamissimo atentado de 10 de Junho. Estes actos, que só acordaram em toda a parte o maior clamor de indignação e revolta, tivéram uma terceira fáse de lugubre tragédia na manhã de 20 do corrente, pagando com a vida o cumprimento do seu dever, dois homens que, mantenedores da ordem e da disciplina social, se imposéram e fôram sacrificados á ferocidade bestial e selvagem desses, que, em nome de falsos e errados principios, destroem a dinamite os seus semelhantes.

De quanto poderiam conseguir como resultado prático para as suas baixas e desumanas investidas, acode-nos aos lábios o sorriso da nossa incredulidade; mas é que além disso temos que atender ao efeito pernicioso e altamente anti-economico e anti-politico que taes tentativas criam lá fóra ao país com a agravante do luto e das lagrimas que vão ferir a familia dos que, vitimas do seu dever, morrem brutal e barbaramente trucidados no seu posto.

Este estado de cousas aproveita aos monarquicos que se vão confentando, para saciar os seus velhos odios e despeitos, com os estremeções que taes acontecimentos resultam entre nós e aos seus aliádos que assim julgam crear novos alentos para o triunfo das suas decantadas reinvindicações, que as sociedades repelem como enexequiveis e irrealisaveis.

Dando um triste balanço a este lugubre periodo de bréves 120 dias, temos desde abril até hoje a realisação de tres actos, qual dêles o mais condenável, o mais criminoso.

O país quer—tem-no evidentemente demonstrado —trabalhar e viver, dentro da ordem e do progresso, que o novo regimen lhe proporciona.

Um insignificante numero de homens, sem coração e sem lei, luta e persiste em perturbar éssa ordem, cometendo toda a casta de crimes, semeando o luto e a dôr na familia portuguêsa.

A'queles, representantes da Republica, que teem nas suas mãos as rédeas do govêrno e são os principaes responsaveis pela manutenção da paz e pelo prestigio do regimen, cabe-lhes o inadiavel dever da respectiva defêsa da sociedade. Não vacilem nos meios a empregar para, de vez, solidificar-se, com indistrutivel segurança, o que está sendo alvo das tigrinas e cobardes tentativas dos inimigos da Patria. Sem um momento de demora:—*para grandes males maiores remedios*...

FILMS...

Imagine-se

Assim intitula a *Lucta* de segunda-feira um dos seus *écos* no qual se lê este espirituoso *suelto*:

> «Dia de festa, encontro com velhos amigos, conversa para aqui, conversa para acolá e o copo fazendo a roda—*agora pagas tu, logo pago eu*. O caso foi que o pobre diabo apanhou uma carraspana de se lhe tirar o chapeu. Abalou, com ideia de ir meter-se em casa, mas as pernas tremiam-lhe como varas verdes, não lhe aguentando o corpo de chumbo. Eis que se lhe depára um abrigo, um forno, e como estivésse de bôca escancarada, entrou sem pedir licença, e estendeu-se nos tijolos. De aí a pouco roncáva como um clerigo. Se não quando, o homem do forno desata a enchel-o de lenha, á qual de aí a pouco chega um fosforo acêso e ia tratar do pão a coser.
>
> Imagine-se o calor que apanhou o pobre bebedo, cosido em *vinho de alhos*, reduzido a um torresmo mal seguro num osso!»

Havia de ser horrivel! E se é cérto que todas as dôres em nós despertam o mais vivo sentimento, só a lembrança de que o facto se poderia ter dado com o *Bébes*, arrepia-nos!...

Lá se ia o glorioso *jornalista*, que levanta o *nivel*, e é, nésta encantadora terra dos canaes, o que se chama uma fabrica de gargalhada...

A rir

Do sr. Alpoim numa das suas cartas para o *Janeiro* a proposito de futuras candidaturas:

> «Tambem se fala muito nas candidaturas de vários monarquicos, havendo a este respeito discussão entre alguns jornaes. Num, não me recordo qual, li que para as constituintes não foram eleitos deputados que não fôssem republicanos historicos. O que eu me ri!!
>
> Foram eleitos alguns que, não sendo republicanos, pertenciam aos partidos monarquicos e até ao ultimo parlamento da realeza!»

E' uma grande verdade esta, que o sr. Alpoim refere. Mas ha mais: alguns houve que não só pertenceram a partidos monarquicos e nêles batalharam, como tacitamente tambem eram, e ainda hoje são, dedicados auxiliares da reacção religiosa. Por exemplo o deputado *democratico* por este distrito, Barbosa de Magalhães.

Na monarquia, depois de progressista, dissidente, não para acompanhar o sr. Alpoim, mas com protésto pela preterição do pae na ascensão ao logar de Director Geral do Ministério da Justiça, mais tarde regenerador e hoje republicano *democratico*, mas ao lado do velho sistema politico religioso da familia espelhado no orgão da casa e da velha gente da Vera-Cruz.

Bem justificadamente riu o sr. Alpoim, não ha duvida!

Como, pela proveniencia, tal afirmativa deve ser tomada á conta de verdadeira, convém aqui registal-a para a todo o tempo a não poderem desmentir sob qualquer pretexto.

O sr. Egas Moniz, diz o *Dia*, —*deixou completamente a politica republicana, sob a dolorosa impressão das suas ilusões desfeitas*.

Onde estava o sr. Egas Moniz antes *das suas ilusões desfeitas?* **Estáva na monarquia**—porque republicano só se declarou depois da revolução de 5 de Outubro, ainda que no 28 de Janeiro, junto com elementos democraticos, pactuasse derrubar a situação João Franco!

Estáva onde tambem estáva o sr. Barbosa de Magalhães a quem uma angina, que nem de encomenda, evitou a subida ao Capitolio!

E é com a grande atitude politica dêsse cavalheiro que um reles comediante para aí pretende provar que já era republicano e a familia antes do 5 de Outubro!!!

Ridiculos como outros não ha.

Em Chaves

Acabâmos de lêr um manifésto onde os antigos republicanos désta localidade protéstam indignados contra a fórma por que ali se faz politica de atracção e resolvem não se associar ás festas comemorativas da derrota dos *paivantes* para não andarem juntos com os inimigos da Republica, hoje ligados ao sr. Afonso Costa.

Dizem e dizem muito bem os nossos correligionários, que não querem nada com *ésta politica tôrpe e éstas festas* republicanas, *festas cheias de palhaços e palhaçadas, que era usança ofertarem-se a pessoas realengas.*

E depois, num acentuado gesto de repulsão:

> «Sería ofensa á nossa fé republicana, sería ofensa aos proprios mortos que galhardamente lutáram e tombaram no campo, na defêsa heroica duma Republica amada, se acamaradássemos com esse bando que, de navalha nos dentes, assaltou a politica local, bando que não tem opiniões, movendo-se indistintamente na direcção de qualquer mão que seja duvidosa.»

Vê-se que sucéde em Chaves o mesmo que em Aveiro. Com uma diferença apenas: é de que os *adesivos* da nossa terra teem tanta fama, pelas suas proêsas, que não ha meio de conseguirem um voto que seja, **honrado,** para o sr. Afonso Costa...

De parvo... alegre

O cerébro pensa, a consciencia dita, os labios pronunciam; o ventre recolhe (e tambem encolhe) *o estomago digére.*

E o resto?

Após a digestão a... dejéção, toda inteirinha para o autor da prosa, o repelente *Bichêsa*, como bem merecido premio, embora não concluisse o seu *elevado* pensamento, que por si só basta para definir a miséria intelectual da eterna luminária!

Isto para lhe não aplicarmos já o brado salutar que largâmos quando o socio do *orgão dos taberneiros* diz mais asneiras do que aquélas que humanamente se lhe pódem tolerar...

Oh!...

Está desvendado o ministério!

O folhêto—*De luva branca*—que para aí apareceu com pretenções a desvanecer o epiteto de *reaccionária* lançado *imbecil e malévolamente sobre uma familia de tradições liberaes que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, já tem pae. E quem hade ser? Um *Zé* propriamente dito que decérto não falou com o autor dos seus dias antes de publicar a obra. E' que se o tivésse feito êle lhe reprovaría a insensatez que manifestamente briga com o seu modo de vêr e a opinião formada a respeito dêste semanário e da sua orientação, visto que ainda ha menos dum ano nos pedia, em bilhete, que lhe enviassemos para Entre-os-Rios o *Democrata* que **tão brilhantemente** *o meu amigo redige* (dizia êle) *e cuja leitura* muito lhe **agradava** e **interessava!**

O *Zé!*... Em que assados haviam de meter o pobre *Zé!*...

O' Zé, ó Zé, ó Zé!
Que é, que é, que é;
Se quizéres cazar comigo,
O' Zé!
Hasde pôr aqui o pé!...

E com efeito o *Zé* veio apenas repelir *com o pé* o que com as mãos ninguem sería capaz de fazer, por falta de base...

Ficâmos inteirados.

PREPARATIVOS DE ELEIÇÕES

E' absolutamente indispensavel que pelos nossos correligionarios não seja descurada a respectiva inscrição dos seus nomes no recenseamento a que se está procedendo.

A pouca distancia está a primeira demonstração politica partidaria pela qual nenhum patriota, que tal nome mereça, se póde desinteressar.

E', sem duvida, da mais alta importancia o acto a que se vae proceder e necessário se torna que quantos se encontrem ao abrigo da lei, não abandonem o direito que déla lhe provém para fazer valer a sua opinião manifestada pelo respectivo voto.

Todos quantos saibam lêr e escrever pódem e devem requerer o recenseamento do seu nome e assim ficarão habilitados a concorrer com a sua vontade representada na lista para a escolha dos seus representantes quer nas bancadas do parlamento quer nas cadeiras municipaes, onde ha muito que fazer em proveito dêste país e dos interesses das localidades que o compõem.

Esse dever civico ninguem o deve desprezar, porque dêle depende a marcha e a bôa administração dos dinheiros publicos e ainda a defêsa de principios que muitas vezes são a base essencial de direitos que representam hoje o resultado de lutas e de sacrificios de seculos.

Por isso acordâmos no espirito de todos quantos possam fazer valer a sua opinião como eleitores, a necessidade e o dever de requererem a devida inscrição no recenseamento que se está confeccionando, por representar a base principal de toda a direcção politica futura, que é mister não deixar correr por mãos dos que só pensam nos seus interesses e nos seus arranjos pessoais.

Cumpra-se a lei!

O abade da freguezia do Cercal, concelho de Valença do Minho, diz o *Mundo*, não aceitou a pensão e entretem-se a dizer mal da Republica, pelo que foi justamente processado. Já depuzeram, ha tempos, quinze testemunhas, mas parece que o processo parou, o que tem indignado os nossos amigos daquéla freguezia.

Bom seria que se désse andamento a esse processo para se fazer a devida justiça.

Se os motivos apontados são rasão bastante para ser processado *justamente*, como diz o *Mundo* com a autoridade que lhe reconhecemos, o abade de Cercal, pergunta-se porque nem ao menos são retirados os livros do registo da posse do vigario das Aradas—que tambem não aceitou a pensão, não reconheceu a cultual, com quem se negou a entender, abandonando a egreja e os pobres paroquianos, que na ardencia da sua fé não terão quem lhes ministre os ultimos confortos da religião nem quem lhes dirija meia duzia de palavras de esperança e de resignação, apezar do autor de todos estes factos se intitular *ministro de Deus e pastor das almas daquéla freguezia*.

Porque é que no procedimento do abade de Cercal se encontra motivos e se pede a aplicação da lei e para o padre Pato, vigario das Aradas, que está numa situação muito mais agravada pelas circunstancias que nêla concorrem, continua a rir-se acintosamente da lei, da autoridade, de tudo?

E' pela explicação disto que instamos. E' pela justificação désta e doutras escandalosas anomalias que pedimos ao sr. Conservador Geral do Registo Civil, ao sr. ministro da Justiça, a quem quer que seja, emfim, que em nome do proprio decoro da lei e do respeito dos seus elevados cargos nos digam alguma cousa que justamente satisfaça a estranhêsa publica que esta situação está provocando entre todos que a conhecem.

Vá! Não se dê a impressão de que as leis da Republica continuam a ser como as da monarquia—de funil...

Alteração da ordem

Em Lisboa déram-se na madrugada de domingo acontecimentos de certa gravidade em que mais uma vez entraram explosivos, arma de que se servem os inimigos das instituições contra a força publica, acontecendo morrerem dois guardas civicos e um soldado da Guarda Republicana que estáva de guarda ao museu das Bélas Artes. No hospital déram tambem entrada alguns feridos tomando o govêrno imediatas providencias para assegurar a ordem e garantir o socêgo em toda a cidade.

Estão presos cêrca de 300 individuos entre sindicalistas e anarquistas, contando-se no numero dos detidos alguns militares sobre quem recáem suspeitas de terem aderido ao movimento.

CARTA

Fica-nos por publicar neste numero uma extensa e curiosa carta que recebemos com importantissimos subsidios para a historia dum dos membros da quadrilha da Vera-Cruz aí, em especial, muito falado ultimamente, á qual darémos publicidade na sexta-feira proxima. Vem éla a proposito de se falar na *negra ingratidão* de José Luciano de Castro para quem dêle só havia recebido os mais importantes favores, mas principalmente um, que a todos sobreléva, e o nosso *costante leitor* descréve com cérta minucia, para destacar, dentre as pessoas visadas, o verdadeiro *ingrato*.

O cinismo com que a corja pretende passar por imaculada!...

TORPEZAS

Faziamos tenção de já hoje respondermos ao orgão dos tolerados da Vera-Cruz demonstrando que ainda mesmo que o pae do nosso director tivésse alguns defeitos dignos de censura não era nenhum *Bichêsa* que tinha autoridade moral para dêles se ocupar na imprensa, mas isso ainda tem tempo. Precisâmos de recapitular e ao público fazer bem ciente de que João Benardo Ribeiro Junior, homem duma só cara, não herdou nenhum dos inumeros defeitos que assinála a quadrilha da Vera-Cruz, antes se honra de ter saído limpo do convivio com taes pandilhas.

Simples soldado do partido progressista, inteiramente respeitador das indicações dos chefes, João Bernardo limitou-se a acatar as suas superiores resoluções e a praticar os actos que lhe eram distribuidos para a sua efectivação. Soldado, obedecia; cumpria as determinações dos chefes.

Assim, Manuel Firmino, Almeida Vilhena e Barbosa de Magalhães, tres parentes, o *sogro* e o *tio* do ultimo, embora o *Zé da luva branca* repudie esse parentesco, chefes locaes do partido progressista, tinham toda a inteira responsabilidade moral e de facto das deliberações e actos desse partido. ¿ Pois Almeida Vilhena, um dos redatores principaes durante muitissimos anos, do *Campeão*, o orgão da gente da Vera-Cruz, deliberáva só por si admitir e introduzir no hospital de Aveiro as irmãs de caridade, como agora querem mostrar, sacudindo a agua do capote dos outros dois, os defensores infelizes da ultima hora? Quem o acredita, comediantes?

E' claro que quem aí era o *grande artista* do partido, quem, dava o conselho sagaz e fazia a

estratégia que os progressistas exibiram durante largos anos de predominio nefasto, era o então joven bacharel que o povo désta terra acoimou de *trinca espinhas*. Todos os actos politicos praticados no concelho são, pois, da responsabilidade moral, colectiva, de Barbosa de Magalhães, de Manuel Firmino e de Almeida Vilhena; mas mais acentuadamente do primeiro.

Não. José Eduardo de Almeida Vilhena, admitindo as irmãs de caridade no hospital, foi o executor duma deliberação tomada em familia *pelo grupo* mentor do partido progressista, que nunca por mais ninguem. Mas se assim não é, mostrem,no orgão *Camaleão* déssa época, o protésto de Manuel Firmino e Barbosa de Magalhães contra o acto praticado individualmente por José Eduardo de Almeida Vilhena, atentatorio dos seus brios e dos **seus sentimentos liberaes.** Vamos; transcrevam no. Onde está êle, impostores?

De modo que, posta pelo seu partido a admissão das irmãs de caridade no hospital, João Bernardo, por disciplina partidária visto ser deliberada e sancionada pelos chefes—Barbosa de Magalhães, Manuel Firmino e Almeida Vilhena—votou-a. Mas a *responsabilidade moral, a grande responsabilidade* cáe inteira e pesada sobre esses e muito especialmente, pela sua categoria mental, sobre Barbosa de Magalhães, como todo Aveiro sabe.

Desbaratados nêssa batalha, enlameado por esse acto o partido progressista e os seus chefes, os descendentes desses homens repudiam hoje, por indecoroso, o que então aplaudiam aos seus maiores e querem que não sejam responsaveis os marchaes desse partido, mas sim os soldados que obedeceram á voz do comando! O voto é tudo! exclamam radiantes, julgando-se salvos.

Os cégos!...

De modo que a ira da cidade voltou-se, como era natural e logico, contra Manuel Firmino, chefe *nominal* progressista, que uma força de cavalaria acompanhou a casa para lhe proteger a vida, está a fazer 25 anos, emquanto que Barbosa de Magalhães e Almeida Vilhena se punham tambem no seguro, guardados por uma horda de caceteiros vindos de fóra para esse efeito, tão capacitados estávam do atentado que praticávam contra os sentimentos liberaes do povo aveirense.

Depois desses memoraveis e historicos tumultos, o caminho estava naturalmente traçado ao partido progressista. Não era êle que iria expulsar as irmãs de caridade. Porém a indignação, a cólera popular obrigou-as a saír. E élas, timoratas, vergando de medo, apezar de todas as blaudicias dos tres *mentores da ordem*, quizéram safar-se não fosse o povo linchal-as. Saíram. E Barbosa de Magalhães não fez, que nos recorde, nenhuma saudação cantante, na gasêta da familia, á Liberdade ultrajada pelo seu partido, ultrage que todavia ele repudiava intransigentemente, como hoje querem fazer acreditar os seus apalhaçados defensores. Nada. Os tres chefes politicos, redactores todos do *Campeão das Provincias*, deixáram a Liberdade a escorrer sangue **apezar das suas convicções liberaes!**

***

Os logares que João Bernardo Ribeiro Junior desempenhou, remunerados, não os mendigou, mais uma vez o querêmos afirmar. Ofereceram-lh'os, aceitou-os. Nunca teve os habitos do *Bichêsa*.

Secretário da *Comissão Protectora dos Menores Expostos e Abandonados* durante uns dois anos, com a remuneração anual de 150 escudos e pagando de direitos de mercê 90 veio João Bernardo a receber 210 escudos!

Demitido desse logar violentamente pelos partidários de Dias Ferreira, João Bernardo manteve a mesma digna atitude de sempre.

Em homenagem aos serviços prestados ao partido progressista como soldado firme e disciplinado, esse partido nomeou-o mais tarde vogal da Comissão Distrital, 1896, logar que desempenhou até Outubro de 1910 e cuja remuneração orçáva entre 30 e 40 escudos anuaes. Aí estão os pingues logares que lhe ofereceram e que o pae do nosso director exerceu com a inteirêsa de caracter que toda a cidade lhe reconhece, mas que todos os *bichêsas* lhe invéjam.

Teimam, porém, os pulhas maximos em afirmar que foi Barbosa de Magalhães que colocou João Bernardo na Comissão Distrital querendo insinuar velhacamente que éssa nomeação representava um favor pessoal. Nada disso. Foi o partido progressista a quem o voto de confiança e serviços honéstos de João Bernardo Ribeiro Junior ali eram precisos, que o elegeu. Favor politico fez o pae do nosso director aceitando o logar.

Enfileirada na *dissidencia* progressista a gente da Vera-Cruz, insistiu, pediu, rogou, ofereceu largas remunerações de futuro, a João Bernardo, com as garantias do nome do chefe, José Maria de Alpoim, para que a acompanhasse. João Bernardo, já néssa data velho progressista, negou-se, ficando onde estava.

Pois que representava a *dissidencia* para a Vera-Cruz? Fugiam, acaso, do gremio, em que militavam, por discordancia de principios basilares de administração pública? Não. Foi apenas porque José Luciano de Castro não satisfez uma pretenção injusta a Barbosa de Magalhães. Eles que deviam beijar os pés a José Luciano por o *caso do ministério do ultramar* não vir a lume e não arrastar ninguem para a Penitenciária, deixando sem registo oficial infamante e indelével, o autor da célebre proêsa, revoltaram-se,ainda por cima, e, fugindo, por despeito e odio para o outro campo, tentáram arrastar antigos correligionários na onda suja da sua ingratidão e indigna vingança! Ah! que se José Luciano tivésse a alma pequenina desses miseraveis, eles arrastariam,por cérto,uma grilhêta e teriam aberto a fogo, bem visivel, o ferrête de bandidos muitos personagens que hoje tanto blasonam! E tinham o cinismo de instarem com João Bernardo, levando os novos chefes a fazer-lhe promêssas variádas,persuadidos de que assim lhes era falcil captal-o. Julgavam por si o estofo moral dos outros. Mas enganaram-se. Convinha-lhes a todo o transe o voto de João Bernardo. Queriam no no seu seio porque lhe conheciam a dedicação até ao sacrificio e por isso não exitaram em atrail-o por todas as fórmas. Tudo prometeram. Rojáram-se, pediram, instáram e, repelidos, ameaçaram. Nada conseguiram. O homem de caracter, modésto, sim, mas grande de alma e generosidade, não se vendia. Ficou onde estava, em pé, firme, com os seus companheiros antigos. Não lhe perdoaram. Perdoa éssa gente a alguem? O seu habito é morder. Mordem por instinto, por necessidade organica. Acompanhou-os o velho amigo da casa, Santos Freire, dizem, e por isso lhe cantam a dedicação. Pudéra. Pois para onde havia de ir o *Palheirinho?* Tão relacionado, tão afectivo, para onde havia de ir o *Palheirinho*, seus comediantes?... Ninguem responde.

Todavia. Santos Freire... Alto! Deixemos isso. Guardemos o resto para quando os pulhas voltarem a fazer insinuações malévolas pretendendo ferir quem está naturalmente ao abrigo de todos os seus ataques.

Hade convencer-se o *Bichêsa* que João Bernardo Ribeiro Junior não é nenhum Manuel Firmino de Almeida Maia e que não tinha o direito de, para de algum modo sevar odios insofridos contra nós, trazer á publicidade o nome sequer dêsse cidadão cujas virtudes se não comparam a nenhuma das que colocam no trôno ignominioso do crime a quadrilha de que o *Camaleão* é orgão.

Prevenimos os nossos correligionários e em geral todos os cidadãos que saibam lêr e escrever e que sejam maiores de 21 anos ou que complétem éssa idade até 21 de Outubro proximo, de que dévem requerer na secretaria da câmara até ao dia 3 de Agosto a sua inscrição, como eleitores, no recenseamento politico que ali se está organisando e hade servir nas eleições suplementares e administrativas de 1913.

Quaesquer esclarecimentos de que alguem tenha necessidade para o mencionado fim, pódem ser solicitados nésta redação que do melhor grado se prestam.

Convento de S. Marcos

=((*))=

Noticiando no ultimo numero do *Democrata* um *pic-nic* efectuado nas proximidades de Tentugal, a alguns kilometros de Coimbra, tivémos ensejo de falar na historica egreja de S. Marcos e quinta anexa onde Beja da Silva ofereceu a todos os convidados um lauto jantar, não nos alongando, porém, nos detalhes historicos do que vimos e observámos por absoluta carencia de dados que a isso nos habilitasse.

Mas o sitio é tão pitoresco, o templo a que nos reportámos tão digno duma especial referencia pelo que representa do passado, que logo fizémos conta de procurar quem minuciosamente o descrevesse com os conhecimentos, que não temos, nem éramos capazes de adquirir tão distanciádos andâmos dos que de algum modo nos poderiam fornecer elementos para isso. O artigo que por conseguinte vai lêr-se sobre o precioso mosteiro é da penna do abalisado escritor Jaime Cortezão,que—nem de proposito—aparece nêste momento a detalhar a magnificencia da esplendida obra de S. Marcos e seus contornos.

Dâmos-lhe a palavra:

. . . .

De Coimbra em direção a Tentugal segue-se até á Castanheira e Zouparria, de onde se vai ter ao mosteiro. Que afinal quando falo de mosteiro ainda é em obediencia ao habito de conviver com as coisas mortas, dando-lhes a realidade presente: é que só existe hoje verdadeiramente a egreja; e o claustro, a sala do capitulo, dormitório, refeitório, hospedaria, adegas, eirados—ou são paredes nuas e escalavradas, ou ruínas dispersas por terra e cobertas de caliças e silvedos, ou então ainda menos—alicerces adivinhados no escuro ou pedaços de misulas, lascas de lapides tumulares, arcos goticos partidos, entablamentos soltos—uma destruidora selvageria, uma vingança do acaso, uma estupida inercia, que fazem chorar o coração de Dôr. E' certo tambem que a egreja é a parte do mosteiro que mais interesse e recordações congregava em si.

Ha catedrais que solenisam épocas ou feitos isolados: são como os poemas classicos: cantam individualidades. A Batalha é a rigida epopeia de Aljubarrota, os Jeronimos a Odisseia das Descobertas, e Santa Cruz é menos ainda—uma bofetada dum rei num Papa. Cada uma celebra um heroi, tem uma época, um estilo unico, um cunho proprio. O templo de S. Marcos não é assim. Ali cooperaram todas as épocas, ali existem dispersos ou fundidos todos os estilos e lá tambem dormem herois de muitos seculos, vitoriosos ou vencidos de muitas batalhas, e dos mais afortunados até aos de mais pungente destino. E' juntamente uma crónica, um Panteon e uma escola de Arte.

Não que a egreja ganhe com isso em unidade estética e seja o monumento mais apto a produzir a estesia perfeita; mas assim truncada, confusa e mutilada é mais rica de evocações, dá mais tristeza e orgulho, mais força e agonia, e das suas pedras como da lendaria Rocha de Horeb corre mais viva e perene a fonte do Sonho, se lhes tocam olhos amorosos.

Situado num alto ermo e solitário, a meio de outeiros e colinas duma profunda seriedade, dá-lhe mais profunda vida ainda o largo horisonte que o circunda—os suaves campos do Mondego, de Coimbra a Montemór, fechados além pelo baluarte vagamente crenelado das serranias. Abrindo um largo rossio que dá entrada ao mosteiro, ha um mui alto cruzeiro do XVIII seculo, e junto dêle erguem-se freixos, castanheiros e carvalheiros colossais, de cuja ramaria cai,-mais que a sombra da folhagem, a sombra evocadora do tempo.

Dei-me tambem a averiguar-lhe a historia e alcancei saber que das muitas que eram, rodeando todo o largo, restam aquélas, contando ao certo cénto e vinte anos de edade. Foram plantadas as bôas arvores á custa e por mão de Frei Francisco de S. Paulo, religioso do mosteiro.

¡ Louvado sejas, meu piedoso Frei Francisco, a quem nós, os romeiros, que hoje visitâmos o teu convento, devemos as bôas vindas de sombra e paz antiga com que nos acolhem logo á entrada!

Mas junto e para lá do mosteiro, ha, sobre o *Jogo da bola*, um pequeno bosque de arvores, que devem ter mais de tres seculos de edade. Essas teem, robustissimas e altas, a ramaria musgosa e denegrida do tempo, toda vergada a um lado e torcida de espiras convulsas, de tal sorte que parecem varridas por uma tempestade perene!

As fontes da cêrca em minas de longos caboucos correm ainda, murmulhando frescura, entregando-se a todos os labios, insaciavelmente dadivosas. Tudo á roda dilata té a funduras inacessiveis o encanto meditativo que nos prende irresistivelmente aos restos do mosteiro.

Todavia a egreja, a unica parte bem conservada do mosteiro, é quebrada na sua harmonia por vários desiquilibrios de construção. Logo a fachada, XVIII seculo, abafa para lá da galilé, num contraste brusco, uma linda porta gótica que tem a data de 1510. Lá dentro, á direita, logo os olhos se namoram do formoso cenotáfio de Fernão Téles, cujos lavôres, bem como os vestigios da traça primitiva revelam um plano puramente gótico.

A capela mór, desde os tumulos do lado esquerdo ao artesoado da abobada e ás duas janelas laterais,é toda manuelina. Por seu lado a capela lateral dos Reis Magos ou do Sacramento é Renascença e déla diz o notavel historiador de Arte, Joaquim de Vasconcélos, que é talvez a mais preciosa capela de pura Renascença de Portugal.

Seja como fôr: o que mais fundamente me estasia é a capela mór. Quanto á do Sacramento, se o plano geral nos emove plenamente pela harmonia e perfeição, já certas decorações proprias da Renascença—troféus de frutos e imitações de correame, que eu julgo de pessimo gosto, veem prejudicar a beleza doutras, como sejam as esculturinhas de delicadas figuras saltando dos medalhões, dos nichos, do fidalgo abrigo dos baldaquinos. Nos dez monumentos tumulares da egreja entram individualisados ou fundidos o gótico, o manuelino e o Renascença numa variedade, riqueza e complexidade admiraveis.

Aqui a riqueza prejudica a unidade, quanto mais que o edificio tal como hoje se encontra obedece á sobreposição de planos construtivos, remodelamentos, restauros, mutilações, desconchavos que seriam irrisorios, se não revelassem tristemente uma grande incultura artistica geral e uma tacanha intermetencia muito particular. Assim, o arco manuelino da capela mór foi destruido para dar logar a um outro disparatado arco, que corresponde a um alteamento da abobada de pedra, que para êsse fim egualmente destruiram. Abriram portas a esmo sem curar do logar nem do estilo. Sobre um retabulo de pedra colocaram um painel da Senhora de Lourdes; acrescentaram altares laterais de madeira e ao famoso retabulo do altar da capela mór, de pedra de Ançã, e que representa a vida e milagres de S. Jeronimo, obra do grande mestre Nicolau Chartranez, fizeram-lhe ha poucos anos restauros, e pintaram-no ainda a variegadas e horripilantes cores!

Foi a familia dos Silvas, antiquissima em Portugal, não só a fundadora e donataria, mas a protectora do mosteiro durante seculos. Começam os Silvas a obrar primores em Terra Portuguêsa desde o inicio da monarquia; e cuidadosos genealogistas levam a sua remota ascendencia até Fruela II, rei de Leão.

Como quer que seja, grande parte da mais lidima nobresa de Portugal descendia dos Silvas, e dêles descendem tambem algumas das casas mais ilustres da Espanha, que para lá abalaram na crise do XIV seculo e depois no XVII seculo alguns ruins Silvas de bastardo animo—joio daninho, que a mais bela seara o póde ter. Dos Silvas descendem, eminentes em prosapias, os principes de Eboli e os duques de Pastrana por Diogo Gomes da Silva, filho de Gonçalo Gomes da Silva, alferes-mór do rei D. Fernando.

Mas quando o nome dos Silvas mais fulgiu por altos feitos e preclarissimas virtudes, foi nos seculos heroicos da nossa historia—XIV, XV e XVI. Antes são crisálidas heroicas, que a Primavera da Raça ainda não acordara em azas; depois... depois tudo é uma esteril, uma ingloria bastardia de Almas!

De alta gerarquia desempenhavam tambem cargos supremos: eram conselheiros, validos, amigos, confidentes e embaixadores dos reis; e de pais a filhos, durante aquêles seculos, passou o cargo de Alferes-mór do Reino e de Regedor das Justiças.

Ali, nos tumulos piedosamente lavrados ou sob o pavimento da egreja, dorme, se é que não vela ainda, uma Raça de herois e de homens justos; e por êles, por aquélas cinzas, que já o Amôr e a Fé abrasaram, vivem tambem no seu tumulto de gloria, extremos, bravuras, lances fatais, gritos, agonia, orgulho e desgraça, o choque das mais bravas batalhas e combates: Aljubarrota, Ceuta, Tanger, Alfarrobeira, Ouguela, Arzila e Azamôr, Alcaides... a India, a India!... ah! e depois Alcácer-Quibir!

Ali tambem, durante seculos consecutivos, talvez para adoçar ou remir êsse bravo tumulto, viveram tão piedosos monjes, que a crónica a cada passo conta os milagres que o Senhor Deus abria como divinas excéções em seu favor. Nos anos da fome o trigo multiplicava-se fartamente nos celeiros; nos anos da peste nunca o negro mal lá entrava (eram castigos do Senhor que ali não tinham fronte pecadora sobre que cair); a Virgem no altar erguia a mão e abençoava a comunidade toda quando orava; e uma vez ouve, na morte de um dos santos priores do convento, em que um sino, sem que alguem o movesse, doridamente entrou a tanger e assim ficou, vertendo as suas lagrimas de som, até acabarem as exequias!

Favores do Céu, que não são para estranhar, se bem meditarmos no que diz a crónica do santo hábito que no convento havia de colocar todos os dias sobre o altar um pano para os bons dos monges limparem as lagrimas abundantes, que durante o divino sacrificio derramavam, tanta era a devoção com que o diziam.

Governador civil

Acha-se em Lisboa onde foi tratar de assuntos de interesse para o distrito, o sr. dr. Alberto Ferreira Vidal, que com inteligencia e critério vem desempenhando as funções de governador civil de Aveiro.

PARA A HISTORIA

A corja da Vera-Cruz atravez os tempos

Abaixo a mascara!

E' ainda de José Estevam que vamos falar, ou antes que vai falar o orgão dos *liberaes democraticos* da Vera-Cruz a quem temos apresentado como um exemplar vivo, autentico, de tudo quanto representa malandrice, pulhismo, hipocrisia.

Vimos já quanto se disse na imunda gasêta dos não menos imundos charlatães, do homem que não só era um exemplo de virtudes como ainda tinha a impol-o á consideração pública um talento previligiado que o guindou á categoría de primeiro orador português.

Pois foi desse homem, que á causa liberal deu quanto poude, o sacrificio da propria vida, que os desqualificados, vis representantes da seita de Loiola, disséram o peor mal possivel pretendendo compara-l-o na jornaléca, ainda hoje a soldo dos que querem passar por honrados, não obstante os abusos e imoralidades de que teem dado exuberantes provas, com a baixa ralé de indignos tartufos de quem José Estevam sempre se afastava, para evitar confusões, que só as podia haver com os seus detratores. Mas vamos ao resto. Mostremos todo o sudário de injurias, de calunias, que contra o grande tribuno da democracia os *virtuosos* cavalheiros da Vera-Cruz tivéram o arrojo de publicar.

Dizia assim, sem alteração duma virgula e com a gramatica usada na casa, o *Campeão das Provincias*, n.º 954 de 17 de Agosto de 1861:

. . . .

«O sr. José Estevam teve em tempo influencia e simpatias em Aveiro e no país; **o caracter de s. ex.ª não era ainda conhecido, e todos o acreditavam expansivo e leal,** como hoje a *Liberdade* o supõe. Porém, os anos, e a experiencia, que educam o homem, fizéram conhecer as feições daquele vulto politico, **desmerecendo o bom conceito que até aí se formava das qualidades moraes do notavel improvisador.**

. . . .

Depois a 28 do mesmo mez e ano:

. . . .

Nunca pedimos favores ao sr. José Estevam. As **suas ingratidões** não se derivam de alguma pretenção malograda. **Mudámos de opinião a respeito de s. ex.ª** porque vimos o modo porque o sr. José Estevam se conduzia nas cousas públicas, indignando-nos as **suas deslealdades.**

. . . .

Apontámos para o que aconteceu com o sr. Bettencourt e podiamos como este citar muitos factos **egualmente indignos;** mas basta aquele para aquilatar a **honestidade de qualquer caracter.**

Vê-se por estes dois pequenos pedaços de prosa que José Estevam já havia sido incensado na gasêta, mas que as opiniões da época a seu respeito tinham mudado.

Quer dizer: elogiáram-no, depois descompozéram-no para mais tarde voltarem á primitiva fórma escrevendo que *ninguem veneráva e respeitáva mais a memoria do grande tribuno do que êles!* Tomem nota os leitores.

Vejâmos agora o n.º 990 de 21 de Dezembro tambem de 1861 em que o *Campeão das Provincias* ousou acusar José Estevam de se vender por umas miseras acções do caminho de ferro, êle que tão patriotica e abnegadamente se empenhou por o trazer por Aveiro quando foi da sua construção:

Acabaram-se os Tiberios, mas ainda, infelizmente, não se **extinguiu a raça dos Sejanos!** Quando muito a prole destes tem degenerado. **Ao punhal substitue a calunia, aos arrestos de morte a audácia e a injuria torpe.**

A ninguem são latentes as causas que levaram o sr. José Estevam a crear um jornal em Aveiro, que pugnasse pelos seus interesses, e fizésse valer a sua vontade. E em ninguem produz já impressão esses famosos libelos, **recheados de aleivozias,** que revelam á sociedade, que o espirito do sr. José Estevam está gasto, e não póde já remontar o vôo, percorrendo os horisontes ridentes da eloquencia. A ninguem é extranho, finalmente, que o genio, poluidas as molas da existencia, só se presta no ultimo quartel da vida a éssas **ejacutorias de despeito rude e atrabiliário,** denunciando que as mais belas faculdades do homem sofreram grande desarranjo e as suas palavras não devem ser tidas na conta de grandes acertos.

Esperavamos nós e o publico que as nossas asseverações fôssem desmentidas, e o nosso testemunho desautorisado, reproduzindo-se provas irrefragaveis em contrario; mas com geral espanto o sr. José Estevam deixou os factos de pé, e mostrando a **lealdade que o caraterisa,** veio de novo á imprensa para **declamar e invétivar. Quem caluniou foi o sr. José Estevam,** que repelido até ao seu ultimo intrincheiramento nem sequer encontrou os cumplices em tamanha **perversidade moral,** para de comum acordo negarem os factos que nós publicamos, factos que demonstraram á saciedade, que o sr. José Estevam hade ser sempre o mesmo quer na tribuna, quer na imprensa, isto é **um mobil de paixões estranhas, um instrumento docil dos manejos e intrigas das pessoas** que o rodeiam. Se s. ex.ª cubiçar outro papel, se se julgar com forças para o desempenhar, acontecer-lhe-ha como a **Icaro** e **caírá ainda mais baixo.**

. . . .

Depois em todas estas alternativas nota-se que o sr. José Estevam é bom ou máu segundo as vias que o aproveitam. Segue-se daqui que sua ex.ª não tem a **conscieneia do bem ou do mal,** e lhe faltam todos os predicados para ser um nobre e produtivo talento.

Mas, voltando á questão, o sr. José Estevam viu as eleições municipaes de Ilhavo pelo prisma **das acções subsidiarias do caminho de ferro do léste»**

. . . .

«Até esfeou os traços principaes, imaginando que por taes artes era possivel desvairar a opinião, e recolher os louros suspirados.

O governador civil vive desafrontado de inspirações estranhas á sua conscieneia. Não recebe ordens, dita-as; não subscreve a exigencias, nem a caprichos de facção. Se o sr. José Estevam procura intimidal-o por meio de **afrontosos epitetos;** se recorrendo á **calunia** pretende tutelar a administração dêste districto; se na expansão do seu **or-**

gulho insolente julga tudo pequeno, homens, leis e decoro publico, é mau o sestro que o leva a desvirtuar os factos, e a apresentar-se **como um caracter ignobil.**

. . . .

Nós bem conhecemos quem são os assassinos politicos; em Ilhavo ha-os, **mas são da escola do sr. José Estevam.**

Aí estão os assassinos politicos, sr. José Estevam Coelho de Magalhães! **São os vossos irmãos nas façanhas, os que receberam de vós o santo, e aquêles com quem trabalhastes na Costa-Nova do Prado. Eil-os aí, os agenciadores de votos para a vossa lista, os vossos galopins eleitoraes.** Provae que não tendes por confidentes **empregados publicos venaes;** que não associaes com êsses **clerigos devassos,** que são a vergonha da classe. Provae que **não caluniaes,** que tendes em muito a verdade dos factos, e que sois um **ente incorrutivel.**

Os Sejanos de hoje não matam com o punhal, mas tentam envenenar com a calunia. Esta raça exterminadora apareceu com os Brissois e os Morands, e não admira que na atualidade se reproduza sob as feições da eloquencia parlamentar.»

E para completar o quadro, estes periodos mais que se encontram no n.º 992 de 1 de Janeiro de 1862 do famigerado orgão onde até *ladrão* se chama ao filho mais querido désta terra:

. . . .

«Mas isto deu-se só com um comprador, e com um só tronco, segundo o testemunho do proprio sr. José Estevam! O que admira é que sendo s. ex.ª um **sofrivel especulador** não lhe désse na cabeça arrematar tambem alguns troncos pôdres dos velhos freixos do Campo de Santo Antonio. Foi melhor deixar fechar a praça, e vir depois clamar contra os actos legalissimos que lá se praticaram.

A venda da alameda de Santo Antonio não lezou a fazenda municipal em menos de um conto de reis, diz ainda o sr. José Estevam. Ora demonstre o ilustre **perorador charnequeiro** a sua proposição. Convença-nos de que **não trapaceia.** Mostre-nos os seus calculos, e não queira justificar a reputação de improvisador nas cousas mais gráves e peremtorias.

Um conto de reis!... **O sr. José Estevam enganou-se na designação. Provavelmente s. ex.ª quiz referir-se ao conto de reis destinado para o asilo de Santo Antonio, e levantado do banco de Portugal a instancias do sr. José Estevam, o qual conto anda ha anos a viajar nos amplos bolsos de s. ex.ª,** segundo nos contou pessoa competente. Não admira pois que o sr. José Estevam confundisse o asilo de Santo Antonio com a alameda de Santo Antonio, **e o conto de reis destinado aos asilados com o que as arvores esburacadas que lá estavam deviam render,** segundo o parecer de s. ex.ª. **Estas confusões explicam-se facilmente pelas afinidades.**

Descance em paz o sr. José Estevam, que viu sempre com máus olhos os que teem algum prestimo, e não ouvem sem se lhes azedar o estomago **as charras ejaculações de um espirito frivolo. Atafonas de palavras ha por aí muitas, e quando se metem a discutir faz lastima ouvil-as.**

Prosiga a câmara no melhoramento encetado, faça o plautío, deite abaixo todas as arvores que não tivérem vida, e obedeça assim ás indicações da opinião ilustrada. Não se prenda com teias de aranha, deixe em paz **os zoilos e os dementes,** e terá o apoio de todos os que querem o bem désta terra.»

Até LADRÃO! Até esse infamante labéo, éssa afronta lançáram sobre José Estevam Coelho de Magalhães os falsos adeptos do liberalismo indegena, que fizéram o descrédito deste distrito e caváram a ruina de todo um concelho onde tinham influencia! LADRÃO! Se alguma vez José Estevam se equiparou, pelas suas acções, á sucia que dele assim falou! A corja da Vera-Cruz! Que repugnantes, que asquerosos, que malandros!

José Estevam LADRÃO! De que se haviam de lembrar para combater o homem que nem era *tenente medico miliciano, medico municipal do concelho, delegado de saude no distrito, politico republicano e republicano democratico!...*

Mas o *Campeão* é isto, invariavelmente isto. Não sabemos mesmo como haja quem resista a tanto nojo e quem a sangue frio possa lêr, depois do que aí fica transcrito, este bocadinho que ao acaso nos veio parar ás mãos quando folheávamos o imundo pasquim na parte relativa á campanha da imprensa contra as irmãs de caridade (1888):

. . . .

«Já se vê que não é a memoria de José Estevam que se pretende desagravar, *porque ninguem aí era capaz de desacatal-a,* PORQUE NINGUEM MESMO O FARIA SEM A NOSSA REPROVAÇÃO.»

E não veio nunca um raio que os partisse!

Crime e religião

O autor do hediondo crime praticado no edificio da Escola de Guerra, em Madrid, que consistiu no assassinato e esquartojamento dum individuo, está evidentissimamente demonstrado ter sido um capitão de nome Manuel Sanchez.

Este homem, esmagado por todas as provas inconfundiveis do seu crime, inclusivé as declarações e testemunho de duas das suas filhas, uma das quaes o infamissimo pae violentára aos 10 anos, conduzindo-a sempre no tenebroso trilho do crime e da desgraça, tem negado com o maior cinismo a sua culpa, cantando e dormindo, como se nada de formidavelmente pavoroso sobre ele pesásse. São tambem atribuidos ao miseravel outros crimes identicos e anteriormente praticados.

No entanto, informam os jornaes madrilenos, *este homem não passava em frente de uma egreja que se não descobrisse com a maior unção religiosa!*

Tambem por cá temos de isso.

Ha santarrões por aí que se não chegam a esfaquear corporalmente alguem, por medo, que não por falta de vontade, têm, contudo, retalhado a dignidade e o bom nome de muita gente sempre com a palavra de Deus nos labios, dando-lhe graças quando as cousas correm bem, e visitando-o nas egrejas, ás sextas feiras, como bons irmãos, que recebem o *ramo* e concorrem para o azeite da *virgem* com todo o *liberalismo* de que são dotados...

Tão religiosos quanto cinicos e perversos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco,* ao Rocio.

UM ABORTO

—(*)—

Compreendemos e perfilhâmos o principio de que discutindo alguem ou alguma cousa, não nos devemos convencer de que a seu respeito possuimos em absoluto toda a verdade, concedendo, por éssa razão, ás opiniões alheias um pouco déla, ainda que da nossa parte, para isso, não haja a animar-nos mais do que alguma delicadêsa moral.

Mas, no caso presente, atender a éssa ideia, seria aceitar como existente o inverosimil, como verdade a refalsada mentira! E assim não podemos senão repudiar, na sua quasi totalidade, os argumentos apresentados a cobrir o procedimento do grupo que pretende a exclusiva designação de uma casta!

Nésta categoría cabe, todo inteiro, esse amontoado de calculadas e preparadas falsidades, que o proprio autor teve repugnancia de subscrever, fazendo por isso desaparecer, talvez, a unica razão que o podia recomendar, tal ele fosse!

Essas falsidades são, porém, tão extraordinárias e inverosimeis, debatendo-se dencontro á rigorosa existencia dos factos que nem a creatura que declara só as escrever para *aqueles que não conhecendo o meio e os personagens, e não tendo nunca pisado o palco em que se desenrola ésta comedia infame, dão crédito á mentira e ouvidos á calunia,* se atreve a assinal-as!

Que repugnante farça e que miseros farçantes!

E' a velha teoría da quadrilha!

Em 1888 não eramos então nós a quem, como hoje, na frase do autor da *luva branca,* que por sinal cheira a cêra que trezanda, *o odio raivoso alimentava a hediondez da alma,* que pela bôca de centenares de homens fazia caír fulminado o governador civil, protector das irmãs de caridade nésta terra, que tanto orgulho possue de ter sido berço de José Estevam.

Manuel Firmino de Almeida Maia, sogro do sr. José Maria Barbosa de Magalhães e avô do atual deputado *democratico* do mesmo nome, que teve de, rodeado pela força armada, saír da sua repartição para se dirigir a casa afim de evitar a furia do povo que, apesar de tudo, o acompanhou atirando-lhe pedras e invectivando-o pelo seu procedimento, não obstante isso, no dia seguinte, agradecia no já lendário orgão *Camaleão, a ruidosa manifestação de simpatia popular que na vespera recebera dos seus apreciaveis e dignos concidadãos!!!*

Tal cinismo, revoltando alguem que com o referido governador civil privava, animou-o a fazer sentir ao autor da noticiosa referencia, quanto ela brigava com a verdade dos acontecimentos. *E' certo,* observaram-lhe, *mas eu não escrevo para os da terra, escrevo principalmente para os de fóra!*

Aqui está o traço de união entre a escola passada e a presente, teoría que, animando em 1888 Manuel Firmino de Almeida Maia, encoraja a vergontea que calçou a *luva branca* para escrever trópos de inflamada retorica em defêsa da parentéla, periodos de adjétivos retumbantes de *encolerisada revolta* contra aqueles que tem posto ao sol as pustulas malignas que povoam o dorso de todos os membros da corja, *mas só para aqueles que não conhecendo o meio e os personagens e não tendo nunca pisado o palco em que se desenrola ésta comedia infame, dão crédito á mentira e ouvidos á calunia!*

E que comedia infame, ha meio seculo, vem esses farçantes representando a despeito dos clamores constantes erguidos pela assistencia que os cobre de justificadas apostrofes e assobia desde a praça pública até á sala dos tribunaes ou á assembleia dos congressos!!!

Principia o tipó que engendrou o anonimo folheto, confessando a pag. 8 que *houve vários jornaes que fizéram uma guerra de morte a todos que tinham como seu orgão na imprensa o* Campeão *descendo aos processos mais baixos, atacando os adversários na sua honra pessoal, lançando calunias e inventando infamias.*

Como se vê não eramos nós que combatiâmos então a quadrilha e que já desciâmos aos procéssos mais baixos. Isto fica entendido duma vez para sempre. Aquéla gente é verdadeiramente pura e imaculada!... Nós, aqueles que já desciam a esses procéssos mais baixos, todos que *não ficam* junto deles e com eles—são caluniadores, são infames!

Não ha uma só razão de queixa contra tal gente! Ela tudo explica e justifica!

Mas—continúa o imbecil—*o que nenhum desses jornaes fez foi englobar no mesmo anátema, lançando o labéo infamante de reaccionários sobre aqueles que nenhuma responsabilidade tem nos erros dos antepassados.*

Ora neste punhado de palavras se concretisa toda a razão em que assentou o aparecimento do *famoso trabalho* que, aparentando á primeira vista, uma pseudo, ainda que infeliz, defêsa de actos cuja responsabilidade directa pertencem a personagens que desapareceram, o que, porém, na verdade, reconhecidamente, ele traduz, é o pretendido intuito de pôr a coberto dos seus principios de hereditária reacção aqueles que apesar de aparentemente a repudiarem, são contudo seus apaixonados defensores estando sempre ao lado dos que a auxiliam a peito descoberto como tem feito com o maior descáro a gazeta da familia, sem que nenhum dos seus membros condéne ou se afaste, não partilhando desses manejos.

O anátema com que a toda éssa familia fulminámos, apesar de rigorosamente verdadeiro, como demonstrámos e continuaremos a provar, passaria sem protésto, se ele não tivésse sido do inteiro conhecimento do sr. Alpoim e, por este, natural e verdadeiramente ponderado. Essa afirmativa acudiu-nos ao bico da penna como o corolario esmagador e colossalmente verdadeiro de toda a existencia politica déssa gente ao serviço e na defêsa constante de todas as manifestações públicas de reaccionarismo sob qualquer aspecto em que tenha sido precisa a sua intervenção.

Somos nós a afirmal-o sem motivo?

Temos por cada habitante désta terra uma testemuha para corroborar quanto dizemos—independente da leitura, da existencia desse proprio jornal empenhado sempre na defêsa constante e incondicional de todos os actos que significassem força, avanço do clericalismo, da reacção!

Era preciso apagar, diminuir ao menos, no espirito do sr. Alpoim a impressão que poderia restar da apresentação que lhe faziamos dos ilustres membros passados e presentes da afamada *troupe* da Vera-Cruz.

O sr. Alpoim não é homem que, pelo seu reconhecido talento, valiosos merecimentos, liberal e avançada orientação, mais tarde ou mais cedo não venha a ser outra vez na politica alguma coisa. Aqui fica o vaticinio e pouco viverá quem o não vir tornado em realidade. E quem sabe até onde irá, no futuro, o predominio politico do ex-chefe da dissidencia progressista?!

Defrontar-se-lhe como um dos seus maiores inimigos para isso bastando perfilhar sentimentos reaccionários, não convirία, por principio algum, áqueles que por calculo, por jogo, tudo fazem.

De aí esse aborto infeliz apegando-se a pessoas e cousas que nunca pretendemos, sequer, atingir, citando factos que nada explicam, arquitetando falsas e infamissimas atitudes nossas e de adversários que jámais foram tomadas, para justificar, ainda que *áqueles que não conhecendo o meio e não tendo pisado o palco em que se desenrola ésta comedia infame,* uma refalsada razão da sua atitude.

Simplesmente espantoso!

Mas não menos espantoso é o cinismo dos bilontras que se aproveitam de palavras das quaes não discutimos o seu valor e verdadeira aplicação, como eles tanto desejávam.

Contudo, o dr. Joaquim de Melo, que agora é citado como reforço, ainda que descabidamente para o fim que pretendem, foi já malsinado, ofendido, maltratado.

Até bebedo lhe chamaram!

Mas neste momento, belissima pessoa é ele, porque dele se aproveitou alguma cousa, algumas palavras bonitas sobre alguns membros da *libaral* familia!

Pois mostraremos o *reverso da medalha* na proxima sexta-feira—e o sr. Alpoim hade dispensar-nos a honra de nos lêr.

Ele e todos os liberaes.

Sal

Vê-se na ria já bastante deste produto de que Aveiro é fertil tendo por isso baixado em preço para a exportação.

Ainda assim consta-nos que se está a vender a 60 escud os cada barco.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

—(*)—

Todos os cidadãos que concordem com a orientação do antigo Partido Republicano Portuguès e que desejem inscrever-se no futuro recenseamento eleitoral devem dirigir-se aos locaes abaixo designados, onde estão as listas para tal inscrição e onde se darão todos os esclarecimentos que fôrem necessarios.

Aveiro—Tabacaria de Bernardo de Sousa Torres e estabelecimentos de Francisco Antonio Meireles e Alberto João Rosa e na séde do *Centro Escolar Republicano;* **Arada,** estabelecimento de José Nunes da Ana; **S. Bernardo,** Candido Pereira de Mélo; **Esgueira,** José Antonio de Carvalho; **Oliveirinha,** Manuel Tomaz Vieira Junior e nas de mais freguezias em casa dos respectivos regedores.

Em dia que será anunciado, devem todos os cidadãos inscritos apresentar-se munidos dos documentos necessarios, na séde do *Centro Escolar Republicano,* onde farão os seus requerimentos na presença dum notario, que em seguida lhes reconhecerá a letra e assignatura.

O secretário da Comissão Municipal Politica,

Antonio Felizardo

Novo piloto

Em Manáus, onde desde Janeiro se encontra, acaba de ser aprovado no exame de piloto a que foi submetido, o nosso amigo e considerado ilhavense, sr. Antonio da Rocha Agra.

Muitos parabens lhe enviâmos.

Estivéram esta semana em Aveiro os srs. Manuel Ferreira Campos, de Ouca, Manuel Rodrigues Lourenço e Manuel Dias dos Santos, do Paço, que depois de passar uma temporada em companhia dos seus regressou á Ericeira.

SPORT NAUTICO

Tem-se desenvolvido ultimamente duma maneira extraordinária nésta região essencialmente maritima o gosto pelos passeios fluviaes em barcos para isso de proposito adquiridos e cuja construção, duma elegancia que a todos faz admirar, é, sem duvida, a principal carateristica das belêsas da ria com que se casam éssas pequenas embarcações, hoje em grande numero entre nós e com tendencias a aumentar, tal a febre que se nota no meio sportivo de Aveiro.

Procurando informes pelos quaes possâmos pôr os nossos leitores ao corrente dos progressos da navegação introduzidos nésta cidade, temos que além das trez lanchas *gasolinas* de 30 HP adquiridas pela capitanía do porto para fiscalisação da ria e que são um modêlo de construção e lançamento, ha a do sr. Armando da Silva Pereira, com força de 20 HP, luxuosa lancha de recreio com todas as comodidades inerentes; a do sr. José Casal Moreira, da força de 5 1|2 HP; a do sr. Vasco Soares, de 3 HP; a do sr. Firmino Huet, de 3 HP; a do sr. João da Silva Pereira, de 3 HP; a do sr. José Carvalho Branco, de 8 HP e ainda a dos srs. Brandão Gomes & C.ª, a vapor, com 12 HP de força, uma das primeiras que cruzou a ria despertando o entusiasmo dos aveirenses.

A acrescentar, porém, a estes, barcos, todos de diferentes tamanhos e feitios, temos agora os *knoc-boats* dos srs. Mario Duarte, Joaquim Ferreira Sucêna e José da Fonseca Prat, merecendo este mensão especial por ter sido escolhido entre os melhores modêlos da casa Brooks, com resistencia para a ria e mar, devido ás suas dimensões que são de 6,^{m}68 de comprido por 2,^{m}13 de largura o que lhe permite aguentar um pano de 25 metros quadrados em substituição do motor auxiliar utilisado apenas quando ha falta de vento.

Como o *knoc-boat* do sr. José Prat acham-se prestes a ser lançados á agua os que estão sendo construidos sob a direção do sr. Firmino de Souza Huet e pertencem um a este cavalheiro, com motor de 4 HP; outro ao sr. padre Antonio Silva, de 5 1|2 HP; outro ao dr. Marques da Costa, de 4 HP; outro ao sr. Antonio Rocha, de 4 HP; outro ao sr. Manes Nogueira, de 4 HP; outro ao sr. Joaquim Dias Ferreira, comerciante em Lisboa, de 8 HP e outro para a repartição da hidraulica de 8 HP, o que ao todo prefaz um total de 20 das melhores embarcações que a nossa ria fica possuindo. Quasi todos os motores empregados são Wolverine, Ferro, Scrips e Pierce tendo tambem alguns *knocboats* quilhas moveis de 90 a 100 kilos que sobem ou descem conforme a profundidade da agua.

Pelo exposto concluimos que dentro em pouco não faltará aí quem se lembre duma revista désta esquadrilha nas aguas da Gafanha o que não deixaría de ser interessante e um incentivo a novas aquisições dos modernos barcos tão proprios da nossa encantadora ria.

EXAMES

Concluiram por este ano os seus trabalhos escolares os srs. José Vieira Gamélas, aluno do 2.º ano de medicina na Universidade de Coimbra e Alfredo Cézar de Brito Junior, do 1.º ano do Instituto do Porto, a quem sincéramente felicitâmos.

=Na Escola Normal désta cidade terminaram o curso para professoras primárias as meninas Maria Rodrigues, natural de Avelãs de Baixo, e Claudina da Graça.

Os nossos parabens.

Aniversário funebre

Passou ontem o primeiro aniversário da morte da sr.ª D. Maria das Dôres Biaia Marques, dedicada esposa do nosso querido e velho amigo, o dr. Abilio Marques.

Senhora de acrisoladas virtudes, inteligente e duma bondade que todos cativava quantos déla se acercávam, é com infinito sentimento que hoje recordâmos a sua memoria, para, num enternecido abraço ao desolado marido, compartilharmos das suas maguas, da sua grande dôr.

O TESTAMENTO

—(*)—

A questão do testamento promete complicar-se.

Aludimos áquele que no passado numero citámos. Sabemos agora que nas disposições que o documento encerra, estão incluidos legados que suscitáram um litigio que de direito requereram partes interessadas, que são herdeiros legaes, cuja autenticidade lhes facultará todos os meios na defêsa do que por lei lhes pertence, inclusivé a anulação do referido aumento.

Se se houver de chegar a este estremo, mais uma vez a durêsa da propria lei, permitirá que se estrangule a ultima vontade dum pae inteiramente conscencioso, esmagada pela ambição dos que mui-

CLUB DOS GALITOS

Excursão á Povoa do Varzim promovida por este Club e acompanhada por uma excelente banda de musica, em 3 de Agosto de 1913

2.ª CLASSE—1$500 3.ª CLASSE—1$100

ITINERARIO: Aveiro-Gaia (com paragem em Estarreja); Gaia-Boavista, em eletrico; Boavista-Povoa do Varzim.

A inscrição acha-se aberta na séde do Club e em diversos estabelecimentos

to longe se encontram para compreender a elevação de taes sentimentos em toda a sua alevantada nobrêsa.

E' uma questão na qual além de se debaterem direitos consanguineos ha *poderes* ocultos protegendo as partes litigantes. Uns procedem com toda a cautéla e *modestia*, procedimento que teve principio nas manhãs risonhas e *claras, de maio*; outros esperançados na protecção que lhes vem dos anjos, *cherubins* e mais meninos bentos, que, como resúltado celestial das suas obras, tem mostrado muitos e afamados prodigios...

Vamos a vêr o que dará o trunfo...

Necrologia

Finou-se nésta cidade o antigo empregado da câmara, Miguel dos Santos Gamélas, tambem conhecido por Miguel Rebêlo, que ora se achava impossibilitado de trabalhar, por doença.

=Em Alquerubim deixou de existir o sr. Acacio Faca a quem o nosso correspondente se refére hoje, dispensando-nos, por isso, de lhe dedicarmos mais espaço.

=Na Pampilhosa do Botão a avó da esposa do nosso amigo João Rosa.

A todas as familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

O calor

Talvez por ha muito se não fazer sentir como este ano, toda a gente diz que tem sido excessivo. Contudo não se déve estranhar. O tempo dêle é agora e não ha remedio senão aguontal-o, que manda quem póde...

PUBLICAÇÕES

Recebemos dois pequenos folhêtos contendo a *Lei sobre a caça* recentemente promulgada pelo govêrno e que são editados um pela *Bibliotéca de Educação Nacional* e o outro pela *Livraria das Novidades*, a quem agradecemos.

=**Nazaré** se intitúla um elegante livrinho destinado á propaganda da praia que lhe dá o nome o qual nos foi enviado pelo sr. Antonio Gomes Ascenso, presidente da Comissão Municipal Administrativa. Ilustra-o várias gravuras com aspectos da formosa praia de que se descrevem tambem, em prosa e verso, as belêsas com que a naturêsa a dotou, isto além de grande numero de anuncios e indicações uteis de interesse para os *turistes* e bainhistas que a qualquer outra a prefiram.

A' câmara da Nazaré queremos aqui significar o quanto é digna de louvor pela sua iniciativa de tornar conhecida uma das mais bélas estancias de Portugal.

=A *Livraria Internacional*, de Lisboa, acaba de lançar no mercado o **Manual do eleitor,** livro de grande utilidade, que contém a parte do codigo administrativo já aprovada pelo Congresso da Republica, o codigo eleitoral e o decreto de 3 de Julho de 1913 relativo ás eleições suplementares anunciadas para o corrente ano.

O seu preço é apenas de 15 centávos o que torna este volume acessivel a todas as bolsas.

=*Compilação da matéria legislada para a Guarda Fiscal desde 5 de Outubro de 1910 a Junho de 1913*, intitula-se um recente trabalho de tenente Costa Cabral e sargento Ferrer Negrão, cuja oferta agradecêmos.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO

DIAS	PHARMACIAS
27	BRITO

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores da Rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos até 5 de Agosto proximo, para não serem vendidos os respectivos penhores.

Aveiro, 16 de Julho de 1913.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 21

Alguem que não assigna o que escreve, pretende demonstrar num pifio folhêto que a *familia Barbosa de Magalhães, independente da sua passagem por todos os partidos politicos, não era nem é, no fundo, essencialmente reaccionária.*

Pela nossa parte agradecemos a oferta, mas nem por isso deixamos de acreditar que a firm nada mantenha os mesmos creditos através os tempos. São sempre os inalteraveis e unicos barriguistas.

=Estivéram aqui no domingo a tuna de Albergaria o grupo *Pró-Albergaria* que viéram ao rio Vouga, de passeio, realisar um agradavel *pic-nic*. De passagem por esta freguezia, executaram alguns trechos de musica em casa dos nossos amigos Francisco Mélo e Manuel Reis, que a todos receberam gentilmente, oferecendo este ultimo um magnifico violoncelo, que foi aumentar o numero dos instrumentos dos executantes.

=Casou civilmente o sr. Joaquim Ribeiro, com a simpatica filha do nosso amigo Manuel de Barros Branco, de Pinheiro.

Os nossos parabens.

=Os larapios a semana passada roubaram em pleno dia 4$500 reis em dinheiro e um cordão de ouro á sr.ª Maria Antonia, de Pinheiro. Por emquanto não foi descoberto o autor de tão audaciosa proesa.

=O calor tem sido tão intenso que a continuar assim os milhos do monte e do campo não se salvam.

Em Agueda o milho subiu já a 1$000 reis os quinze litros.

=Faleceu o sr. Acacio Faca. Contáva 39 anos e deixa dois filhinhos que eram o seu enlevo.

Inteligente e trabalhador a vida contudo não lhe correspondeu ás suas esperanças, colhendo durante a existencia apenas dissabores e profundas amarguras.

Paz á sua alma.

C.

Expediente

Aos nossos assinantes a quem pelo correio estâmos enviando os recibos do Democrata *vencidos ou prestes a vencerem-se, rogâmos o obsequio de os satisfazerem assim que para isso recebam aviso pois o contrário não só nos acarreta enormes despêsas como ainda nos faz multiplicar o trabalho fatigante da administração o que muito bem os nossos amigos, querendo, pódem evitar.*

Para a **Africa** *e* **Brazil** *não fazemos cobrança, excéção do* **Pará** *e* **Manaus** *onde temos como agentes, respectivamente, os nossos compatriotas J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior que nos teem obsequiado em tudo quanto diz respeito ao jornal naquélas terras onde ha anos residem. Esperâmos, por isso, da comprovada honestidade dos assinantes das outras localidades o envio das importancias correspondentes ás suas assinaturas pela via que melhor lhes convièr e esteja ao seu alcance, o que antecipadamente agradecêmos reconhecidos.*

Anuncios

Citação edital

(2.ª publicação)

Por este juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação déste anuncio, citando os interessados João Fernandes da Cruz, José Fernandes da Cruz, ambos maiores, e Antonio Fernandes da Cruz, menor pubere, todos solteiros, auzentes em parte incerta do Brazil, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu irmão e tio Manuel Fernandes da Cruz, solteiro, falecido em Cantanhede, em que é inventariante a irmã Maria Fernandes da Cruz, sendo o primeiro interessado tambem como crédor para deduzir os seus direitos.

Aveiro, 1 de Julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Citação edital

(1.ª PUBLICAÇAO)

Por este juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação déste anuncio, citando o co-herdeiro José Luís Ferreira de Abreu, solteiro, maior, de Eixo, ausente em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu pae João Luís Ferreira, morador, que foi, em Eixo, désta comarca, em que é cabeça de casal a viuva Rita Dias Vieira. Artigo 696 § 3.º do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 21 de Julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

Artigos de caça

Acaba de chegar ao estabelecimento de BATISTA MOREIRA, á rua Direita 72 A-72 B, um completo sortido de artigos de caça taes como: cartuchame, chumbo, redes, bandoleiras, maquinas a rebordar, cintos, corta buchas, medidores para polvora e chumbo, cantis, e muitos outros artigos conserventes á caça, que vende pelos preços do Porto e Lisboa.

Peça de ouro

Perdeu-se uma. Quem a tivésse achado e a queira entregar nésta redacção, receberá alviçaras.

Le Miroir de la Mode

Atelier

DE

CHAPEUS e VESTIDOS

Nêstes *ateliers* executam-se com toda a perfeição e rapidez os artigos inerentes aos mesmos.

Satisfazem com prontidão todas as encomendas que lhes fôrem pedidas para a provincia para o que enviarão os respectivos figurinos tanto para a escolha de chapéus como de vestidos. Confeccionam enxovaes para casamentos e batisados.

Pedidos para a Praça Carlos Alberto, n.º 68—PORTO.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespasnho dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica.*—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5* 5

Alfaiateria MIRANDA

RUA DA COSTEIRA

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variádo sortido de fazendas estrangeira os que ha de mais *chic* para a estação do verão.

Possue tambem o mesmo estabelecimento no 1.º andar um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Lisboa e Porto os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente do estrangeiro.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este antigo estabelecimento.

Milho barato

Acha-se á venda no estabelecimento de BATISTA MOREIRA—RUA DIREITA 72, milho a 580 reis os 20 litros, e o litro a 30 reis. Para grandes quantidades preços convidativos.

Milho miudo amarelo de 1.ª qualidade a 760 cada 20 litros.

Garante-se a qualidade superior á que se está vendendo por preços mais altos.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro,** de BRITO & C.ª.

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Agentes e depositarios no Rio de Janeiro, Ernesto, Silva & C.ª—R. da Quitanda, 174, sobrado. Telefone 6044—**Stock constante.**

André Reis e Beja da Silva

"PRONTUÁRIO ALFABETICO,,

e outros elementos interpretativos da

LEI DE SEPARAÇÃO DO ESTADO DAS EGREJAS

Prontuário—Apensos

Lei da Separação e Legislação citada

Acaba de ser posto á venda, ao preço 500 reis ou 520 pelo correio, o **Prontuá-Alfabetico da Lei da Separação,** livro indispensavel a todos quantos tenham de manusear aquéla Lei e principalmente indispensável a todas as autoridades, advogados, corpos administrativos, corporações cultuais e ministros da religião.

Além da Lei da Separação e de toda a legislação néla citada, contém esse livro um desenvolvido prontuário alfabetico e outros elementos interpretativos da mesma Lei, cujo encarecimento é ocioso.

Pedidos, acompanhádos da respétiva importancia, á LIVRARIA DE BERNARDO TORRES—AVEIRO.

Antonio Lebre

Medico-veterinario

Aveiro—VERDEMILHO

Escola Secundária e Comercial

RUA FORMOSA=PORTO

Humberto Beça

Com o curso da administração militar, professor d'ensino livre diplomado e publicista

Curso de Guarda-Livros
Curso Secundario de Comercio

Aulas diurnas e noturnas

Português, francês, inglês, alemão, contabilidade, comercio (escrituração comercial), geografia, historia, direito, economia politica, ciencias naturais, caligrafia, dictilografia e estenografia.

Ensino teorico e pratico, sendo o das linguas por professores das proprias nacionalidades.

As matriculas efectuam-se todos os dias das 9 1[2 ás 3 da tarde e das 5 ás 11 da noite.

Pedir programas para a rua do Bomjardim n.º 862.

Recebe alunos internos, semi-internos e externos.

O tratamento daquêles é especialmente cuidado e esmeradissimo.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO